

‘VERDADE’ ou ‘VERDADES’? (OU) PAUL VEYNE E FOUCAULT EM UM PROGRAMA DE VERDADE

The true dilemma by Foucault and Veyne

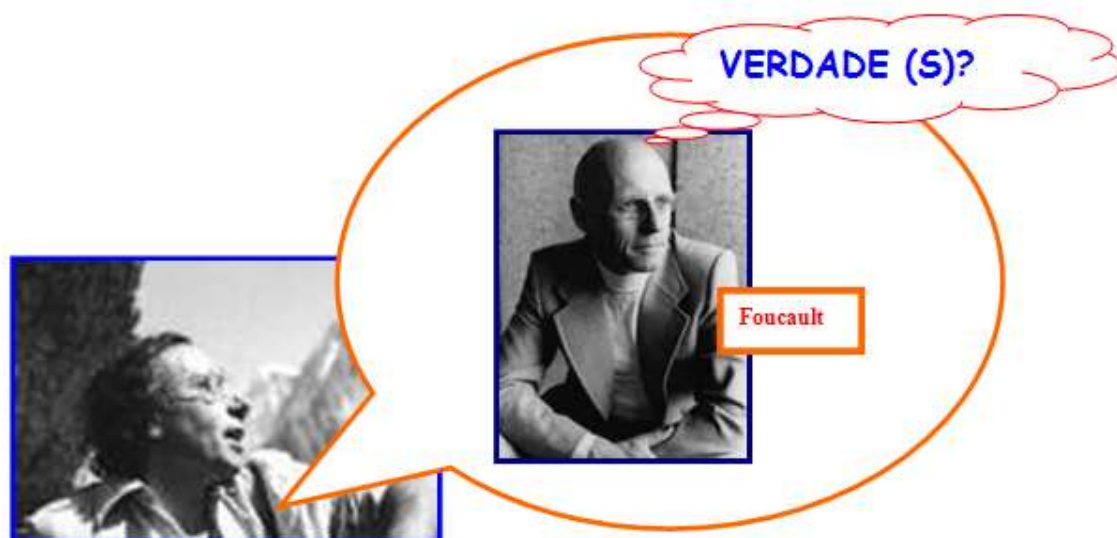
REJANE GUEDES PEDROZA⁷⁴

RESUMO

Essa indagação acerca da ‘Verdade’ inicia-se num recorte de relato do historiador francês Paul Veyne sobre uma suposta ‘alucinação’ no dia da morte de Michel Foucault. Como norte teórico utiliza a afirmativa *foucaultiana* de que “não existe verdade universal, mas jogos de verdade” nos quais o saber é um instrumento de poder produtor de discursos que passam a ser considerados ‘verdadeiros’ e norteiam as ações dos indivíduos e grupos de indivíduos. Reflete sobre algumas nuances dos *programas de verdade* descritos por Paul Veyne e as repercussões nas relações entre aqueles que crêem e aqueles que inspiram credibilidade, com ênfase na importância do estilo de existência e da adoção das práticas de si comentadas e vivenciadas por Foucault nos últimos meses de sua vida.

PALAVRAS-CHAVE: Foucault, Verdade, Paul Veyne.

⁷⁴ Doutoranda- PPGCS/UFRN.



Em nota de rodapé no artigo *O último Foucault e sua moral*⁷⁵, o historiador francês **Paul Veyne**⁷⁶, demonstra porque sua obra aproxima a história e a ficção. Conta que no dia 26 de junho de 1984 as últimas notícias da França sobre a saúde do colega **Michel Foucault**⁷⁷ tinham sido ruins; os médicos não sabiam mais o que fazer e o tratamento não surtia efeito. Veyne estava guiando numa estrada de Tóquio, no Japão. De repente, se viu “*ultrapassado por um potente carro, de cor verde, de eixos maiores do que a carroceria e com grandes pneus; o carro, de modelo pouco comum, tinha um largo pára-brisa retangular que deixava ver bem o interior.*” Num instante, o motorista reconheceu Foucault, que voltou o perfil agudo e lhe sorriu com seus delgados lábios. Imediatamente apertou o acelerador para alcançá-lo, mas desistiu em seguida, dando conta de que o esforço era duplamente inútil: “... *o carro verde era rápido demais e, sobretudo, aquilo não tinha o aspecto da percepção, e sim o perfume de uma ‘alucinação’.*” Se o carro desapareceu ao longe ou deixou de existir, ele afirma não saber. Alguns minutos após, Maurice Pinguet lhe ligava para informar sobre o acontecido e uma rádio japonesa

⁷⁵ Tradução de "Le dernier Foucault et sa morale" em Critique, Paris, Vol. XLIL, nº 471-472, p. 933-941, 1985, por Wanderson Flor do Nascimento.

⁷⁶ Paul Veyne, um dos principais especialistas em Antigüidade e professor emérito do Collège de France. Lecionou de 1975 a 1998, na cadeira de história de Roma, foi colega de trabalho de Michel Foucault.

⁷⁷ Paul-Michel Foucault (*1926 †1984) figura como um dos grandes pensadores da contemporaneidade. Formou-se em Filosofia e Psicologia, mas seu pensamento tem-se enraizado em várias disciplinas: Filosofia, Sociologia, História, Medicina Social, Psicologia, Pedagogia, Direito, entre outras

anunciava a morte de Foucault. Naquele momento não compreendeu que aquela ‘visão’ poderia ser a representação de um carro fúnebre - foi um amigo que lhe fez ver isso meses mais tarde. O duplo sentido da alucinação clarificou-se; Foucault havia ido para onde todos irão e, em sua obra, havia chegado mais longe que o historiador.

É a partir desse relato de uma suposta ‘alucinação’ do historiador Paul Veyne no dia da morte do filósofo francês que terá início essa reflexão sobre a Verdade. Em seus escritos Foucault alegava não existir UMA verdade absoluta, e sim, *jogos de verdade* constituídos historicamente. Para ele, “os homens não encontram a verdade, fazem-na, como fazem sua história”. Veyne utiliza o termo ‘programas de verdade’ heterogêneos, posto que todas as verdades são analógicas, e apesar de transitarmos entre elas, continuamos sempre no verdadeiro. Um exemplo concreto dessa afirmativa é a condição do telespectador num cinema ou vídeo. Ao prestar atenção e se deixar absorver por um filme ou novela ele tem consciência de que se trata de uma ficção. Isso não o impede de acreditar e ficar ligado no conteúdo da estória.

É consensual a concepção de que animais não falam, mas quando assistimos filmes da *Pixar* ou da *Disney*, passamos a tratar os personagens com familiaridade, repetir suas falas, suas frases de efeito, como o ‘*Hakuna Matata*’ [Não há problemas] do leão Simba, do suricato Timão e do javali Pumba. Nesse momento estamos mudando, inconscientemente, de um programa de verdade anterior, adotado no dito ‘mundo real’ para outro ‘além da lógica’. Saímos de uma posição ‘racional’ que supõe ser impossível um animal falar a linguagem humana e adentramos no mundo da fantasia, onde até o impensado é possível [ou seria melhor dizer que: onde até o impossível é pensável?].

No mundo considerado ‘real’, se alguém contestar a impossibilidade da antropomorfização dos personagens é tido como louco, como ocorreu com uma jovem conhecida minha que foi internada brutalmente quando, ao sair de uma sessão psicanalítica semanal, ‘deparou-se’ com cavalos nas ruas e eles lhe deram bom dia. Animada e assustada, a moça telefonou para contar o fato ao psiquiatra. Este, prontamente tratou de acionar uma verdadeira força-tarefa que se encarregou de confiná-la no manicômio.

Mas, voltando à questão das mudanças de percepção, podemos pensar que podem ocorrer abstrações em várias gradações num mesmo público. Eu mesma me debulhei em lágrimas assistindo à cena da morte de *Mufasa*, o pai do rei leão, enquanto

um grupo de adolescentes, que já haviam assistido ao filme, dava gargalhadas e brincava com a situação. Agora começo a perceber porque ao sair dos cinemas os rostos dos telespectadores são tão enigmáticos e expressam emoções diversas. Quem se mantém encastelado em seus programas de verdade ao invés de mudar para o programa de verdade do filme pode experimentar um desconforto por não entender o porquê de tanta comoção. As verdades do relato se tornaram falsas para esse alguém, e o filme é percebido como mentiroso, bobo ou chato.

Provavelmente o processo de modulação entre diversos programas de verdades está presente na produção do conhecimento. Algo parecido com a 'lógica' ficcional que transforma o mundo, como se vê no filme *Matrix*. Cada indivíduo vai sendo perpassado por uma verdadeira 'rede' de programas de verdade. Cada um é UM e (é) TODOS (uma multiplicidade). Assim, tomemos emprestado o que explica Gilles Deleuze sobre o *campo subjetivo* que se articula em 3 planos ou superfícies: a superfície de produção ou conectiva, a superfície de registro ou disjuntiva e a superfície de consumo ou conjuntiva. Segundo ele, nesta terceira superfície ocorrem conjunções de estados intensivos e uma série de emoções e de sentimentos que formam o material das alucinações e delírios: "São os devires e sentimentos intensos que alimentam delírios e alucinações".

Os programas de verdade chegam até nós como verdadeiros 'pacotes'. Muitas vezes há uma saga que antecede a confecção deste amontoado de elementos encadeados para se tornarem lógicos e coerentes.

A distribuição do saber que se impõe como verdadeiro está intimamente relacionada com a modalidade de crença de um indivíduo, de um grupo de pessoas, de uma sociedade e pela posição de respeitabilidade que ela ocupa perante os OUTROS.

Podemos destacar nesta abordagem uma modalidade básica de crença que diz respeito à crença na palavra. Ou seja, é o conhecimento pela informação, pois essa está imbuída, ela própria, da autoridade do conteúdo que carrega. Eu nunca vi um vírus, mas os cientistas dizem que eles existem e assim eu passo a acreditar que minha garganta dói e meu corpo está exausto por causa de uma virose. Isso não é muito diferente do que acredita a Severina - mãe de 5 filhos antes de completar 30 anos - que engravidou mais uma vez porque 'Deus quis.' Mas essa é outra vertente da verdade que será evitada neste momento. Fé e conhecimento empírico são questões que exigem maior aprofundamento que não cabe nas poucas páginas deste breve ensaio.

As modalidades de crenças nos remetem às modalidades de posse da verdade. Não se duvida do que os outros dizem ou acreditam, se eles são respeitáveis. As relações entre as verdades são relações de força. Criamos assim uma rede de confiança e autoridade com relação ao conhecimento. Se essa rede for danificada há um ‘desmoronamento’ de nossa forma de lidar com as coisas e com as situações.

Ao iniciar uma estória como a do gato de botas, meu avô José Afonso começava a narrativa dizendo: “No tempo em que os bichos (animais) falavam...” Essa era a ‘senha’ para o ouvinte mudar a programação da realidade. A partir dali tudo fazia outro sentido. Outro recurso era dizer: “Dr. Fulano disse que...” Assim, evocava um ‘especialista’ para ratificar e dar seriedade e credibilidade à opinião que ele, um simples agricultor na juventude e carpinteiro na maturidade, não estava autorizado a proferir como ‘pretensão’ de verdade.

Se nos detivermos na metáfora de uma rede de confiança e autoridade com relação ao conhecimento, podemos questionar a solidez de nossas percepções da ‘verdadeira realidade’. Tomemos emprestado a idéia do ponto Aleph⁷⁸, descrito num dos contos de Jorge Luis Borges, no qual existe um ‘espaço’ [ou seria um espaço-tempo e além?] que abarca TUDO. Nele o passado, o presente e o futuro coexistem simultaneamente. Nada tem prioridade; tudo é possível.

Se formos ‘dissecar’ essa idéia de verdade, perceberemos que não existe uma verdade absoluta das coisas, e a verdade não nos é imanente. Há grande possibilidade de sermos nós que fabricamos nossas verdades a partir de escolhas e de forças que se entrecruzam em nossa trajetória de vida (família, sociedade, projeto e investimento parental etc.), e qualquer fato pode ser interpretado segundo um ou vários programas de verdade. “*O homem é um animal amarrado às teias de significados que ele mesmo teceu*”, como diria Max Weber. E o homem constrói o seu mundo com essas teias.

Tendemos sempre a achar que os nossos programas de verdade são mais verdadeiros do que o dos outros. Algumas pessoas estão tão acomodadas ou satisfeitas

⁷⁸ *El Aleph* é um livro de histórias curtas de Jorge Luis Borges, publicado em 1949 e contendo, entre outros, o conto que dá nome ao livro, um marco do realismo fantástico. O protagonista se depara com a possibilidade de conhecer um ponto do espaço que abarca toda a realidade do universo num local bastante inusitado: no porão de um casarão situado em Buenos Aires, prestes a ser demolido. Este ponto recebe a alcunha de *Aleph* - a letra inicial do alfabeto hebraico, correspondente ao Alfa grego e ao A dos alfabetos romanos.

com as suas verdades que não percebem nada além da viseira de sua 'zona de conforto'. Seus limites são tratados como fronteiras naturais. Enxergam apenas na perspectiva de um ponto, agindo como aprisionados na caverna de Platão, olhando para sombras projetadas na parede.

Suspeita-se que uma verdade possível aparece quando se leva em conta o outro. Essa percepção, no entanto, pode não ser factual, ou, nos termos de outros pontos de vista, pode ser uma ilusão. Por outro lado, se recuamos e nos 'encastelamos' numa suposta neutralidade sobre os objetos de estudo por achar que não são verdadeiros, estaremos nutrindo mais uma ilusão. Na filosofia indiana a deusa Maya é a 'ilusão, e seus muitos véus encobrem múltiplas percepções que por sua vez podem também ser verdadeiras.⁷⁹

Michel Foucault era um guerreiro, dizia Jean-Claude Passeron a Paul Veyne, e para um guerreiro, as verdades são inúteis. Ou, num outro discurso, a idéia de Verdade é questionável. Um guerreiro é um homem que pode abster-se da 'Verdade'; que tem a energia suficiente para abater-se sem necessidade de dar uma razão para justificar-se. A força do guerreiro abarca tanto sua capacidade de construir sua verdade e lutar por ela, quanto a potencialidade de assumir suas fraquezas.

Crendo buscar a verdade das coisas, os homens acabam por fixar as regras segundo as quais será julgado o dizer como verdadeiro⁸⁰ ou falso. Neste sentido, o saber passa a ser uma arma de manutenção do poder - uma questão bastante estudada na obra de Foucault. As regras adotadas como 'verdadeiras' passam a ser impostas por uma história na qual os indivíduos são, ao mesmo tempo e mutuamente, atores e vítimas. Então, uma verdade poderia ser vista como o conjunto de regras que permitem dizer e reconhecer aquelas proposições adotadas por uma cultura e tidas por verdadeiras. Aquilo que chamamos *uma cultura* não possui nenhuma unidade de estilo. Uma cultura pode ser considerada uma multiplicidade de práticas empíricas, discursivas, interpretáveis. Nestas interpretações surge uma série de encadeamentos que produzem diversos discursos e muitas possibilidades interpretativas sobre o mesmo tema.

⁷⁹ Para os indianos, qualquer percepção que não seja aquela da totalidade, na qual inclusive desaparece a distinção sujeito-objeto, é uma forma de ilusão, um 'véu', uma 'inverdade'.

⁸⁰ Após muitos estudos sobre a obra de Nietzsche, Foucault gostava de repetir que: "A filosofia de Nietzsche não era uma filosofia da verdade, mas do dizer - verdadeiro."

Quando as supostas verdades de um tempo são expostas ao próprio tempo, as valorizações conjunturais perdem sua força simbólica, a menos que outras conexões valorizantes estejam em vigor. O relativismo assim, depende das linhas de força entrecruzadas.

O inquieto e inquietante Foucault não atacava as escolhas dos outros, mas as racionalizações que os outros incorporavam às suas escolhas. Uma crítica genealógica não diz “eu tenho razão e os outros estão enganados”, mas somente: “os outros não têm razão ao pretender que tenham razão”. Paul Veyne relembra que em 1979, Foucault inicia seu curso dizendo: “Vou abordar certos aspectos do mundo contemporâneo e de sua *governamentalidade*; este curso não lhes dirá o que é que vocês devem fazer, ou contra quem devem combater, mas lhes proverá um mapa, e em função disso, lhes dirá: se vocês querem atacar em tal ou qual direção, tudo bem, mas aqui há um nó de resistência e, ali um acesso possível”. Penso agora que a intenção da obra de Foucault não era encontrar uma universalidade dos jogos de verdade, nem a transposição dessa lógica para todos os problemas da humanidade, mas sim alertar que todo gesto, seja de inclusão ou exclusão deixa sempre um vazio, um exterior, que por sua vez pode ser preenchido por novas conexões conjunturais que (re) arrumam-se em novas proposições que podem [ou não] chegar a ser consideradas verdadeiras.

Viver em um mundo onde o verdadeiro e o falso não existem e ao mesmo tempo existem pode soar como uma concepção alucinada. Talvez tenha sido essa a sensação que Paul Veyne experimentou naquele dia do seu ‘encontro’ inusitado. Isso pode ter ocorrido graças ao estilo de pensar que envolvia os dois professores do Collège de France.

A idéia de um estilo da existência desempenhou papel importante nas conversações e, sem dúvida, na vida interior de Foucault durante os últimos meses de uma vida que ele sentia se esvaír devido à doença que o consumia. “Estilo” nos escritos *foucaultianos* não quer dizer necessariamente uma distinção; a palavra está tomada no sentido dos gregos, para quem um artista era, antes de qualquer coisa, um artesão capaz de conduzir sua vida como uma obra de arte. O filósofo sabia que a moral grega pertencia a um passado remoto e era pouco desejável e impossível ressuscitá-la: mas um detalhe desta moral, a idéia de um trabalho de si sobre si, parecia suscetível de adquirir um sentido atual, numa espécie de releitura, a maneira de uma dessas representações de

deuses hinduístas em apartamentos contemporâneos [como o meu] numa cidade diferente da Índia e admirada por pessoas [como eu] que jamais viajaram ao Oriente. Foucault, com uma visão ampla das coisas, não pretendeu que nos entregássemos, portanto, a uma moral inteiramente formada, mas nos sugeriu uma saída: o trabalho de si sobre si a partir de exercícios das práticas de si⁸¹, transformando-se em um artista da própria vida, exercendo e exercitando a autonomia criativa. Não sei se ele se satisfaz com a arte que produziu, mas é certo que esta impressiona e inspira muitos outros artistas.



← **DESAFIO:** Qual é a 'verdadeira' imagem da Sra. Verdade?



⁸¹ No terceiro volume da “História da sexualidade”, Foucault apresenta três blocos de práticas de si: Os Procedimentos de provação, O Exame de consciência e O Trabalho do pensamento sobre ele mesmo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Inês Lacerda; Foucault e a crítica do sujeito - 2 ed. Editora UFPR, Curitiba 2008

CARVALHO, Jairo Dias; O anti-édipo. O social e o desejo em Deleuze e Guattari. Revista Mente, cérebro & Filosofia, vol. 6, p.89-93, editora Duetto, São Paulo, 2008

FOUCAULT, Michel; história da sexualidade 3 – o cuidado de si, 6ª edição, editora graal, Rio de Janeiro, 1999

FOUCAULT, Michel; A hermenêutica do sujeito, 1ª edição, Martins Fontes, São Paulo, 2004

MUCHAIL, Salma Tannus; Foucault simplesmente (textos reunidos), Edições Loyola, São Paulo, 2004

VEYNE, Paul; O último Foucault e sua moral in: <http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&q=Paul+Veyne&meta=&aq=f&oq=>
(Tradução de "Le dernier Foucault et sa morale" em Critique, Paris, Vol. XLII, nº 471-472, p. 933-941, 1985, por Wanderson Flor do Nascimento.)